

Resumo da História de Ilhéus

Ilhéus é a cidade com o mais extenso litoral entre os municípios baianos. É considerada por seus moradores como a Capital do Cacau, Capital da Costa do Cacau e a Princesinha do Sul.

POPULAÇÃO: 220.144

ÁREA TERRITORIAL: 1.841 Km²

Municípios limítrofes: Aurelino Leal, Buerarema, Coaraci, Itabuna, Itacaré, Itajuípe, Itapitanga, Una e Uruçuca.

A história de Ilhéus remonta a época das Capitânicas Hereditárias, quando D. João III doou vasta extensão de terra ao Donatário Jorge de Figueiredo Correia. Instalada em 1535 na Ilha de Tinharé, antigo domínio da Capitania de Ilhéus, a sede administrativa logo se mudou para a região da Foz do Rio Cachoeira, a chamada Baía de Ilhéus. O donatário da Capitania preferiu o luxo e o fausto da corte, enviando o destemido espanhol Francisco Romero para enfrentar e depois pacificar a bravura dos índios tupiniquins.

No início, seu espaço territorial incluía até o estado de Goiás e a área onde hoje está o Distrito Federal, a Capital da República.

Logo, a amizade dos colonizadores com os nativos tornou possível a fundação cultural da Vila de São Jorge dos Ilhéus, que se transformou em freguesia em 1556 por ordem de D. Pero Fernandes Sardinha. Considerada por Tomé de Sousa como "a melhor coisa desta costa, para fazenda" a região se tornou produtora de cana-de-açúcar e ganhou muitas construções. Mas, com a chegada dos ferozes índios Aimorés, que passaram a atacar as plantações, Ilhéus sofreu o declínio econômico que resultou em decadência. No século XVIII com a importação de mudas de cacauzeiros da Amazônia e sua notável adaptação às condições climáticas da região, Ilhéus viu brilhar diante de si um novo eldorado. O cultivo do cacau passou a gerar um número sem fim de histórias, recheadas de cobiça, amores e lutas pelo poder, formando um terreno fértil para os romances de Adonias Filho e Jorge Amado, onde narram as paixões desenfreadas dos coronéis por dinheiro, mulheres e terras.

A carta da doação da Capitania de Ilhéus Jorge de Figueiredo Correia foi assinada em Évora a 26 de junho de 1534. O donatário mandou em seu lugar o preposto Francisco Romero, que primeiro se instalou na ilha de Tinharé, onde fica o Morro de São Paulo e depois, quando descobriram o que seria mais tarde a Baía do Pontal, se encantaram e fundaram a sede da capitania, dando o nome de São Jorge dos Ilhéus, uma homenagem ao donatário Jorge e Ilhéus, devido à quantidade de ilhas que encontraram.

Além das que existem ainda hoje, como a Pedra de Ilhéus e a Ilha do Frade, os morros de Pernambuco e o atual Outeiro de São Sebastião também eram ilhas. Nos primeiros quinze anos o progresso da vila era enorme e atraía todo tipo de pessoa. Em 1556 a vila já possuía a igreja Matriz e relativa produção de cana-de-açúcar. Jorge de Figueiredo doou pedaços de terra que se chamavam sesmarias a diversas figuras importantes do reino, e em 1537 doou uma sesmaria a Mem de Sá, que seria o terceiro Governador Geral do Brasil, localizada no que foi chamado Engenho de Sant Ana, e onde hoje está localizado o povoado de Rio do Engenho. Ainda restam vestígios deste engenho que foi explorado pelos jesuítas e onde está localizada a capela de Nossa Senhora de Sant Ana, considerada a terceira igreja mais antiga do Brasil.

Depois da deportação do colonizador Francisco Romero, a Vila foi atacada por corsários franceses, enfrentando uma séria crise econômica no Século XVII. A capitania foi a leilão e arrematada por Dona Helena de Castro. Na metade do século, um terrível ataque de holandeses agravou ainda mais a crise na capitania. A vitória dos habitantes da vila fez construir um templo religioso em um dos morros da vila para Nossa Senhora da Vitória.

Em 1754 o governo português acabou com o sistema de Capitánias Hereditárias e as terras brasileiras voltaram para as mãos do governo. Foi nessa época que iniciaram o plantio do cacau. As primeiras sementes foram trazidas do Pará, pois o cacau é planta nativa da região amazônica, pelo francês Louis Frédéric Warneaux, e plantada na fazenda Cubículo, às margens do rio Pardo, hoje município de Canavieiras.

Naquela época não se tinha conhecimento da importância do chocolate na alimentação e só pensava-se em cultivar a cana-de-açúcar, que era o que rendia muito. Foi somente no século seguinte, nas primeiras décadas que os alemães chegados à região e, 1821 começaram o plantio do cacau como cultura rentável. Até 1890 foram os estrangeiros que plantaram cacau. A partir desta data é que houve uma verdadeira corrida para a ocupação das terras de mineração.

A Vila iniciou um período de prosperidade, impulsionando o movimento que reivindicava e elevação de Ilhéus à categoria de Cidade. No dia 4 de junho de 1881, a Assembléia da Província da Bahia aprovou, por unanimidade, projeto do deputado-sacerdote Manoel Teodolindo Ferreira, convertido em resolução no dia 28 de junho do mesmo ano. A cidade foi instalada no dia 14 de agosto, quando era presidente da Província o Marquês de Paranaguá. Na época, Ilhéus tinha 6.700 habitantes, considerado um dos mais importantes distritos eleitorais da Bahia.

Em 1913 a cidade foi transformada em bispado. O governo brasileiro doava terras a quem quisesse plantar cacau. Vieram sergipanos e pessoas fugidas da seca do nordeste, do próprio estado e de todo lugar, Em dez anos a população

cresceu de uma forma explosiva, plantava-se cacau em abundância, vieram pessoas buscando o eldorado e a região mudou seu aspecto.

Nesta época começaram a construir belos edifícios públicos como o Palácio do Paranaguá que abriga até hoje a Prefeitura e a sede da Associação Comercial de Ilhéus; belas casas, como a do "coronel" Misael Tavares onde hoje funciona o Palácio Maçônico da Loja Regeneração Sul Baiana e a da família Berbet de Castro, uma cópia do Palácio do Catete no Rio de Janeiro e muitos outros belos prédios.

Na década de vinte deste século, Ilhéus fervilhava de pessoas, de dinheiro, de luxo e riqueza. Foi construído o prédio do Ilhéus Hotel (a grafia antiga), o primeiro com elevador no interior do Nordeste, uma obra ainda hoje imponente, e o Teatro Municipal que esteve em ruínas, mas que foi reformado e é considerado um dos mais bem aparelhados do interior do Nordeste e fora das capitais.

Ilhéus sempre primou pelo bom gosto e pelo requinte, sempre teve muita ligação com a Capital Federal, o Rio de Janeiro (enquanto capital do país) e também com a Europa. Em 1921, quando inaugurou, sua casa, o "coronel" Misael Tavares ofereceu um banquete e o cardápio do jantar estava escrito em francês. Era comum as famílias possuírem pianos, muitas vezes até de cauda em suas casas e até fazendas. Vinham da Europa nos navios.

A exportação de cacau era um problema, pois era feita pelo porto de Salvador. Havia muita dificuldade no embarque e perda de qualidade e de peso. Em 1924, os cacauicultores iniciaram a construção do porto de Ilhéus com recursos próprios, e a exportação do cacau começou a ser feita diretamente na cidade, trazendo com isso a presença de estrangeiros e um intercâmbio cultural com países da Europa. Nesta época vinham dançarinas, mágicos, e também aventureiros para divertir as pessoas que possuíam dinheiro.

Havia cabarés, clubes noturnos, cassinos. A cidade era movimentada e é esta época narrada por Jorge Amado em seus romances. Uma época de muito dinheiro e de muito luxo.

O grande fluxo financeiro originado pela produção e exportação de cacau deu origem a peculiaridades no desenvolvimento da Região da Costa do Cacau, região geoestratégica da Bahia. O desenvolvimento da produção e a busca por melhor qualidade nesta commodity, levaram as lideranças regionais e os produtores a criar a CEPLAC, Comissão Executiva de Desenvolvimento e Preservação da Lavoura Cacaueira. Hoje um órgão do Ministério da Agricultura, com importante centro de pesquisa, o CEPEC. A demanda regional por educação superior, buscada nas décadas de 40 e 50 em Salvador, principalmente pelos filhos de coronéis do cacau, gerou o anseio pela implantação de faculdades e instituições de ensino superior na região. A UESC, Universidade Estadual de Santa Cruz, é fruto desta demanda, e hoje torna-se referência nordestina em formação profissional de nível superior, e

firma-se como importante instituição de produção científica no nordeste, sendo a segunda da Bahia, somente superada pela UFBA.

A cidade de São Jorge dos Ilhéus fica situada em local privilegiado. Recortada por muita água, sua chegada por avião é muito bonita e emocionante. O centro da cidade fica localizado numa ilha artificial formada pelos rios Almada, Cachoeira e Fundão e ainda pelos canais Jacaré e Itaípe, este último construído no final do século antepassado pelo engenheiro naval François Gaston Lavigne, oficial do exército de Napoleão. Este canal foi construído para facilitar a passagem das canoas que traziam cacau da região do rio Almada para o embarque no porto. Compondo a área de preservação ambiental da bacia hidrográfica deste rio, a Lagoa Encantada possui beleza natural impar, elevado nível de preservação ambiental, lindos passeios de barco, com cachoeiras e contato com a natureza.

A partir do meado da década de oitenta a monocultura cacaueteira sofreu um rude golpe na sua característica principal que era a de gerar muita riqueza. A seca constante provocada pelo fenômeno El Niño, os baixos preços internacionais e por último a praga denominada vassoura-de-bruxa, fizeram da cacauicultura uma atividade menos rentável. Se para uns isto representou tristeza e angústia, para a região permitiu que se pensasse em outras atividades rentáveis. Foi então que Ilhéus renasceu, desta vez para o turismo. A implantação de projetos industriais e o surgimento do pólo de informática têm sido também alternativas de desenvolvimento.

O Século XX foi marcado pelo apogeu da lavoura de cacau, atraindo para Ilhéus personalidades importantes do País e do Exterior. Essa fase da história é retratada na literatura do escritor Jorge Amado, testemunha de todo o progresso de Ilhéus na primeira metade do século.

INTENDENTES NOMEADOS

João Batista Sá de Oliveira	1890 - 1893
Joaquim Ferreira de Paiva	1893 - 1896
Manoel Hollenwerger	1896 - 1896
Ernesto de Sá	1897 - 1899
Antonio Pessoa da Costa e Silva	1900 - 1900
Ernesto de Sá	1900 - 1904
Domingos Adami de Sá	1904 - 1907
João Mangabeira	1908 - 1911
Arthur Lavigne	1912 - 1912
Antonio Pessoa da Costa e Silva	1912 - 1915
Manoel Misael da Silva Tavares	1916 - 1919
Eustáquio de Souza Bastos	1920 - 1923
Mario Pessoa da Costa e Silva	1924 - 1927
Durval Olivieri	1928 - 1930
Eusínio Gastone Lavigne	1930 - 1937
Raimundo do Amaral Pacheco	1937 - 1938

Mario Pessoa da Costa e Silva	1938 - 1942
Eunápio Peltier de Queiroz	1943 - 1944
Eduardo Eurico de Siqueira	1944 - 1945
Tácito de Sá Bittencourt Câmara	1945 - 1946
Álvaro de Melo Vieira	1946 - 1948
Arthur Leite da Silveira	1948 - 1948
Almir Brandão Pinto	1948 - 1948

PREFEITOS ELEITOS

Arthur Leite da Silveira	1948 - 1951
Pedro Vilas-Boas Catalão	1952 - 1955
Herval Soledade	1956 - 1959
Henrique Weyll Cardoso da Silva	1960 - 1963
Herval Soledade	1963 - 1967
Nerival Rosa Barros	1968 - 1968
Afro Leal Barros Neto	1968 - 1969
João Alfredo Amorim de Almeida	1969 - 1970
Edmon Darwich	1971 - 1972
Ariston Cardoso	1973 - 1976
Antonio Olímpio Rhem da Silva	1976 - 1982
Josiel Martins	1982 - 1982
Jabes Ribeiro	1983 - 1988
João Lyrio	1989 - 1992
Antonio Olímpio Rhem da Silva	1993 - 1996
Jabes Ribeiro	1997 - 2000
Jabes Ribeiro	2001 - 2004
Valderico Reis - O Prefeito Valderico teve o seu mandato cassado pela Câmara dos Vereadores.	2005 - 2007
Newton Lima	2007 - 2008

Fonte: Internet